



DISCIPLINA E INDISCIPLINA EM SALA DE AULA Celso Antunes

Há cerca de trinta ou mais anos atrás, uma escola mostrava extrema identidade com uma Delegacia de Polícia. Os professores possuíam poderes autoritários extraordinários e os alunos ou se enquadravam em suas normas ou eram punidos. Assim como os professores, inspetores de alunos se confundiam com carcereiros e alguns Diretores impunham rigor disciplinar de tal forma violentos que caminhavam tranquilamente de alguns tapas à exclusão sumária. Ser aluno “bem-comportado” não se impunha como condição de caráter, mas como imperativo de sobrevivência na escola.

Com a chegada da “Escola Nova”, esse rigor começou a ser abalado e os professores transformaram-se de “senhor” em “você”, ao mesmo tempo em que se abrandava o rigor excessivo. Proclamava-se que o bom ensino dispensava imposição e que um verdadeiro professor era o que conquistava a classe por seus argumentos e não seus berros; e ensinava em nome da significação e não da decoreba. Claro que a mudança foi progressiva e era quase impossível que quem dispunha de chicote pudesse, do dia para a noite, transformar a bronca em argumentação, mas uma nova invadia as escolas e trazia de sua formação preceitos de serenidade e bom-senso, repudiando a ideia de similaridade entre escola e delegacia de polícia. Mas, impossível crer que essa escola livre, ainda que austera, serena, embora segura, perdurasse para sempre.

A sociedade mudava depressa, a fragilidade da educação familiar crescia e os alunos começaram a chegar sem princípios e sem normas, ao mesmo tempo em que muitos de seus pais buscavam transformar seus filhos em “clientes” de ilimitados direitos; e seus professores, em empregados subservientes. Excluir alunos por mau comportamento saiu da moda ao mesmo tempo em que a severidade do professor passava a ser sinônimo de despreparo e inabilitação para ensinar. Não demorou muito e a liberdade transformada em libertinagem trouxe o *bullying*.

Chega-se assim ao retorno e a escola volta a se identificar com a Delegacia de Polícia, não mais assumindo esse papel, mas separando fundamentos de indisciplina que administra e casos inaceitáveis de violência que encaminha.

O antigo “Te pego lá fora” transformou-se em sevícias e humilhações, ampliado pela facilidade com que na Internet se combinam atos de estupidez e se divulgam e ridicularizam suas vítimas. Hoje pais e professores já aprenderam a sair em defesa das vítimas por meio de ações judiciais. Algumas vezes é o único caminho plausível.

Se na escola existem agressores que ignoram o outro e não se importam com sanções escolares que a eles se coloquem à força da lei e já existem precedentes de famílias condenadas a indenizações em decorrência de atos de *bullying* cometidos contra outros, a justiça, quando solidificada em provas, é capaz de fazer do agressor escolar o que faz com qualquer agressor que esteja ou não matriculado.

Aprovamos esse caminho e aplaudimos escolas que, com transparência, assumem essas sanções e orientam os pais. Não se trata de fazer da escola de hoje uma delegacia como a escola prepotente de ontem e sim de se colocar em lugar de onde jamais deveria ter saído delinquentes que se fazem passar por alunos.